O ENSINO PARA O ALUNO COM DEFICIÊNCIA COMO SINTOMA DE UMA EDUCAÇÃO PARA O ALUNO IDEAL

Klébia Souza Araújo¹

Conta-se na mitologia grega, que o filho da deusa Era e o deus Zeus, Hefesto, com defeitos nas pernas. Eles moravam no requintado Panteão Grego. Por ter nascido com deficiência, Hefesto foi jogado pelo próprio pai, Zeus, do alto do Olimpo. A mãe aceitou sem falar nada, pois a criança tinha má formação e era feia. No entanto, Hefesto foi amparado pelas nereidas Tétis e Eurínome, numa gruta na ilha de Lemnos. O resultado foi que essa convivência o transformou num hábil trabalhador com os metais. Ele aprendeu os segredos da metalurgia, aprendeu a dominar o fogo e desenvolveu trabalhos requintados com o metal. No início, mesmo fazendo um trabalho de muita qualidade, sofria zombarias por causa de sua condição física. No entanto, granjeou respeito com o passar do tempo, pois as pessoas reconheceram que ele era capaz.

O resumo do mito sobre Hefesto ilustra como as crianças com deficiência eram tratadas. Embora nesse período as crianças, na maioria das vezes, não eram levadas em consideração, a narração grega mostra o desamparo e descaso destinado aos deficientes. Era costume cultural.

No passado, as famílias que porventura viessem a ter filhos com deficiência ou surdez teriam grandes dificuldades para cuidar delas. Segundo alguns estudiosos, os bebês que nasciam com deficiência ou surdez deviam ser eliminados pois, segundo o conceito da época, eram despidos de características humanas, usados por espíritos maus e bruxas. Essas crianças eram submetidas a mortes por afogamento, exposição ao ar livre até morrerem e até jogados em depósitos de lixo. Com o passar do tempo, algumas pessoas tomaram medidas que visavam amparar as crianças com deficiência como orfanatos, asilos e os lares só para elas, medida tomada porque eram diferentes do modelo ideal de criança. Não eram aceitas pela sociedade. Tais relatos podem trazer à memória algo que Freud disse ao falar sobre o sintoma.

O sintoma parte do ponto de vista do que vai mal, criado pela censura imposta à renúncia do desejo. Ao mesmo tempo, pode estar ligado a uma limitação que inquieta e pode se deslocar (KAUFMANN, 1996). A busca de satisfação ideal do desejo, não cessa. No Mal-Estar na Cultura, Freud inicia seu texto dizendo que as pessoas subestimam os valores da vida, admiram o poder, o sucesso e a riqueza nos outros e querem para si, não

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos e Professora Substituta do Magistério Superior na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).

valorizam a diversidade do mundo. Ele diz ainda que tudo que possa ser causa de desprazer é isolado do Eu e jogado para fora (FREUD, 1930). Seriam as crianças com deficiência causa de desprazer? A projeção do modelo ideal para uma criança passa a existir em ampla continuidade a partir do desejo subserviente de se adequar aos moldes sociais, tanto no passado quanto hoje.

Freud (1916-1917), nas Conferências Introdutórias à Psicanálise, no texto O Sentido dos Sintomas, disse que “os sintomas neuróticos têm seu sentido, tal como os atos falhos e os sonhos, e, como estes, guardam também relação com a vida das pessoas que os exibem.

A neurose obsessiva e a histeria são formas de adoecimento neurótico. Sobre a neurose obsessiva, Freud diz que ela se manifesta quando os doentes são tomados por pensamentos que eles não têm interesse, então sentem impulsos estranhos e são levados a ações que não lhes dão prazer mas que é impossível deixar de fazer.

Os impulsos que sentem podem causar uma impressão infantil e absurda, mas que na maioria dos casos, encerram conteúdo dos mais graves crimes, o que faz com que o doente não apenas os renegue como estranhos, mas também, horrorizado, fuja deles e se proteja de sua execução mediante proibições, renúncias e restrições à própria liberdade. Ainda sobre o neurótico obsessivo, Freud diz que ele pode deslocar, trocar, substituir uma ideia que de algum modo é mais atenuada.

No cenário atual, a inclusão de alunos com deficiência tem sido tema de diversas discussões. Alguns defendem que o melhor é que todos fiquem juntos, outros são a favor de uma separação das pessoas com e sem deficiência.

Lima e Masson (2018) ao falar sobre inclusão e inserção argumentam que inclusão significa que o aluno se torna parte do contexto educacional e a inserção é apenas o ato do aluno ser matriculado e frequentar regularmente uma escola. Sendo assim, a separação proporcionaria a frequência dessas crianças nas instituições de ensino, mas o processo de inclusão não seria trabalhado, pois continuaria a haver divisão entre os potencialmente capazes e os incapazes.

Nesse sentido, talvez a exclusão apenas mudou de panorama. O processo de segregação continua semelhante. Nos dias atuais, ainda encontra-se crianças com deficiência na idade escolar que não recebem a devida atenção. Mesmo com a existência de documentos que apoiam a inclusão, ainda há lapsos no sistema de ensino.

Porém, no decorrer dos anos, o cenário educacional passou por mudanças significativas no intuito de incluir estudantes com necessidades específicas. A Declaração

de Salamanca que afirma o direito à educação de cada indivíduo, e traz a ideia de equidade e a educação para todos nas escolas, é um exemplo de destaque. Esse documento, que foi formulado na Conferência Mundial sobre Educação Especial na cidade de Salamanca, trouxe orientações para reformular o sistema de ensino. Com respeito a isso, as palavras de Le Gaufey (2018) ao dizer que “a dinâmica própria fraturou esse mundo clássico...” fazem sentido, pois as mudanças trouxeram a ruptura do modelo tradicional de ensino e do aluno ideal.

Conforme salienta Stielor (2017), o homem em sua razão se organiza em grupos específicos, cria padrões e determina status. Essa organização traz automaticamente em sua estrutura a ideia de que há pessoas melhores ou piores. Esse pensamento gera a discriminação e exclusão, contribuindo para o pensamento de que apenas os iguais conforme os padrões são aceitos pela sociedade. O desrespeito leva a exclusão que resulta na marginalização dos desiguais.

Observa-se que ocorre no cenário atual iniciativas que podem minar a vida cultural de alguém por meio de medidas que formalizam que o ensino a crianças com deficiência deve ser separado dos alunos sem deficiência.

A situação lembra o mesmo processo de exclusão no passado onde os deficientes eram desprezados e o tratamento direcionado a eles não era dos mais cuidadosos. Ainda hoje, alguns deixam-se guiar pela estrutura formada no passado que desconsiderava todos os que nasciam com deficiência. Consciente ou não, o desprezo gerado pelo preconceito perpetua-se como o sintoma das ações desumanas feitas no passado.

O modelo do aluno ideal continua norteando o alcance dos objetivos dos profissionais nas instituições de ensino. Pode-se dizer que o atual cenário educacional para crianças com deficiência está no efeito sintomático da exclusão que encaminhava as crianças com deficiência à execução.

A exigência para que os educandos atinjam objetivos semelhantes usando o modelo do aluno que se sai bem em tudo, exclui a descoberta e reconhecimento de prováveis habilidades de crianças que apresentam dislexia, autismo, TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) e outras especificidades.

Nesse sentido, o ensino para o aluno com deficiência é um sintoma de uma educação para o aluno ideal, pois cria-se um molde de aprendizagem no qual todos os aprendizes são convocados a adaptarem-se. Um sintoma que perpetua-se pelo resto de um significado desejante do ideal. Lima e Massom (2018) que diz: “Instaura-se portanto um mal-estar quando esse homem cordial se depara com uma imagem distorcida, borrada,

faltosa, que não corresponde à imagem do aluno como ideal do eu”. Esse aluno não é inteligente, nem belo e para não “gerar angústia precisa ser afastado”.

REFERÊNCIAS

_____. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise – o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LE GAUFEY, Le. *A incompletude do simbólico: de René Descartes a Jacques Lacan*. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2018.

LIMA, Candice Marques de; MASSON, Leilyane Oliveira Araújo. *O mal-estar na educação inclusiva no país da cordialidade*. In: Paola Regina Carloni; Arnaldo Cardoso Freire; Tatiana Carilly Oliveira Andrade. (Org.). *Inclusão, educação e sociedade*. 301ed. Goiânia, Goiás, Brasil: Mundial Gráfica, 2018, v., p. 56.

SILVA, Otto Marques da. *Hefesto na Vida dos Gregos (Um deus com deficiência física)*. DocerArgentina, 2021. Disponível em: < <https://docer.com.ar/doc/s5x1sev>>.

STIELER, Pedro. *Novos cenários educacionais e a necessidade de conviver e trabalhar com as diferenças*. 1. ed. Santo Ângelo: UNÍNTese, 2017.